

O palacete da tia rica que adorávamos ter

Conforto e requinte em ambiente de informalidade. Uma reconstrução exemplar mantendo o enquadramento natural, sistemas avançados de poupança energética e spa acoplado fazem da Quinta da Auga um caso único, explica **José Augusto Moreira**. As fotos são de **Adriano Miranda**

Há determinados lugares onde, pelo menos por uma vez, todos deveríamos ir. Pode até parecer estranho que isto se diga a propósito de uma unidade hoteleira, mas vendo bem este não é um hotel no sentido mais comum do termo. O prédio da Quinta da Auga tem uma longa e diversificada história e só recentemente foi reconvertido com a vocação de acolher hóspedes.

A inauguração aconteceu em 1792, três anos após a Revolução Francesa, como fábrica de papel. Santiago de Compostela destacava-se então como florescente centro universitário e eclesiástico e o papel era um instrumento importante para as suas actividades. Em meados século XIX, o espaço seria reconvertido para produção de tecidos e de lã e já no século passado funcionou como fábrica de cerveja e de gelo até à década de 60. Quando o espaço foi adquirido, em 2003, pelos actuais proprietários, o edifício estava em ruínas, completamente tomado pelo matagal e não era ainda clara a sua finalidade.

Apesar das dimensões, o hotel é gerido numa lógica familiar e sem ligações a qualquer cadeia do sector. Não deixa de ser um hotel, mas muito diferente de todos os outros. E só assim se explica que boa parte da clientela seja constituída por moradores de Santiago, ou seja, gente que mora ao lado e não é por necessidade que ali se aloja. Por alguma coisa há-de ser.

Na própria descrição, trata-se do primeiro hotel boutique eco natural de luxo que ocupa um edifício abandonado, que foi reabilitado segundo os princípios da sustentabilidade ambiental, rodeado de vegetação e provido de todos os luxos terrenos que um viajante hedonista ambiciona. Seja lá o que isto queira significar, o edifício de pedra lavrada que na parte traseira chega a ter cinco pisos fica colado à margem esquerda do rio Sar, que contorna toda a propriedade. É enquadrado por um conjunto natural que inclui represa e canal com mais de 600 metros de extensão, construído para fazer funcionar a originária fábrica de papel. Há ainda um depósito, em pedra, com capacidade para 360 mil litros, aqueduto e canais de água em cantaria que cruzam os actuais pátios exteriores.

Em redor do hotel, e aproveitando a propriedade, foram construídos três percursos pedestres. Um que acompanha o curso do rio, outro ao longo do canal e o passeio fluvial com um percurso para *footing* de 45 minutos. Outra das singularidades resulta da optimização energética, fruto do recurso a sistemas de



Hotel A Quinta da Auga
Paseo de Amaia 23b
Urbanización Brandia, Vidán
15706 Santiago de Compostela
Tel: +34 981 534 636
Fax: +34 981 522 674
reservas@quintadaauga.com
www.quintadaauga.com
4 estrelas
59 habitações, 3 suites
Preços:
Single - 92/103€
Duplo - 130/147€
Suite - 342/390€



micro-cogeração e geotermia, conjugados com solos radiantes e painéis solares.

Única é ainda toda a decoração, com a utilização de diferentes peças e materiais nas 58 habitações, sendo iguais apenas as casas de banho. E é, porventura, na decoração que está a parte mais acolhedora e cativante deste hotel. Dos salões aos quartos e corredores, há várias centenas de peças de antiquário que decoram todos os espaços. São móveis, candeeiros, livros, *gadgets*, brinquedos e quadros, que no seu conjunto constituem um autêntico museu de arte e que só por si justificariam a estadia. É por isso que, pelo menos uma vez, há que passar por aqui. Pelas paredes dos corredores há também uma multiplicidade de pequenos quadros com fotografias de portas e janelas. Lindíssimos e a denunciar extremo bom gosto e perspicácia, com a curiosidade de que grande parte daquelas fotos foram captadas pela proprietária nas ruas de cidades portuguesas como é o caso de Viana do Castelo, Guimarães ou Évora.

Ora, é precisamente no estilo e personalidade da proprietária, Maria Luísa Garcia Gil, que parece residir a singularidade e diferença do hotel. Arquitecta galardoadada com o Prémio Europa Nostra de Recuperação em 2001, foi ela a responsável pelo restauro e desenho actual e decoração do edifício. São dela também as fotos dos quadros e também a recolha e aquisição das centenas de peças de antiquário, num trabalho de longos anos. É também por causa dela que a Quinta da Auga é um espaço tão acolhedor e aprazível que, mais que um hotel, representa o sonho de palacete de tia rica que adorávamos ter.

Além da decoração, os quartos são confortáveis e equipados com todos os modernos requisitos. O restaurante ocupa um elegante salão do piso de entrada e é chefiado por um jovem chefe, que veio da Suíça e pratica uma cozinha contemporânea de nível superior. Se o tempo o permitir, as refeições, incluindo pequeno-almoço, podem ser servidas no terraço toscano que funciona no pátio interior. O cenário é arrebatador, com o relvado à frente, o rumorejar das águas do rio mais ao fundo e o canto dos pássaros como música de fundo.

Acoplado ao hotel, há um moderno e bem equipado spa, que oferece todo o tipo de terapias e tratamentos. Embora para os hóspedes o acesso se faça directamente a partir dos quartos, haverá que somar sempre o preço da sua utilização ao pagamento do quarto.

A Fugas esteve alojada a convite da Quinta da Auga